



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**TEXTO LITERÁRIO E LIVRO DIDÁTICO: A RELAÇÃO
POLIFÔNICA E DIALÓGICA ENTRE FRONTEIRAS NO
ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL**

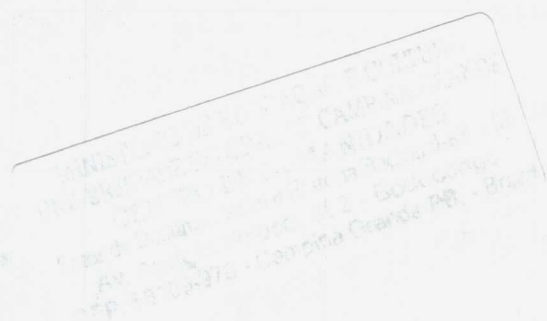
**Autor: Ádamo Guedes Santos de Moraes
Orientador: Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha**

**CAMPINA GRANDE – PB
OUTUBRO – 2003**

ÁDAMO GUEDES SANTOS DE MORAES

TEXTO LITERÁRIO E LIVRO DIDÁTICO: A RELAÇÃO
POLIFÔNICA E DIALÓGICA ENTRE FRONTEIRAS NO
ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL

Monografia apresentada em
cumprimento aos requisitos para o
certificado do curso de Licenciatura
Plena em História, promovido pela
Universidade Federal de Campina
Grande, sob a orientação do Professor
Dr. Gervácio Batista Aranha.



CAMPINA GRANDE - PB
OUTUBRO DE 2003

ÁDAMO GUEDES SANTOS DE MORAES

TEXTO LITERÁRIO E LIVRO DIDÁTICO: A RELAÇÃO
POLIFÔNICA E DIALÓGICA ENTRE FRONTEIRAS NO
ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL

Orientador: _____

Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

José Benjamim Montenegro

Sandra Maria Costa Lia Fook Vasconcelos



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
CAPÍTULO I: A RELAÇÃO POLIFÔNICA E DIALÓGICA ENTRE O <i>ALIENISTA</i> E O LIVRO DIDÁTICO.....	08
CAPÍTULO II: APROXIMAÇÃO DE FRONTEIRAS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO.....	16
CAPÍTULO III: A LOUCURA: UM PRETEXTO MACHADIANO.....	26
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
ANEXO.....	40



INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal repensar o ensino de história do Brasil através da relação polifônica e dialógica entre o livro didático e o texto literário. Nesta condição, essa proposta interdisciplinar procura facilitar o ensino e a aprendizagem sobre certas experiências dos habitantes do Rio de Janeiro do século XIX, mas procurando enfatizar o período oitocentista.

Nesse sentido, tomamos como referencial teórico algumas das idéias do lingüista russo Mikhail Bakhtin. Utilizamos para isso três conceitos desse estudioso para articular o texto literário e o livro didático no ensino de história do Brasil: a polifonia, o dialogismo e a carnavalização. Um texto polifônico consiste em um texto que transitam várias vozes dos “outros” de uma determinada época em que ele foi elaborado, e o dialogismo, por sua vez, se caracteriza pelo sentido que essas várias vozes passam a apresentar durante a receptividade dos seus leitores.

Para Bakhtin, as várias vozes de um texto têm os seus sentidos inacabados no ato da interpretação. A cada releitura de um mesmo texto em contextos variados, novos sentidos podem renascer. Segundo a professora Pessoa de Barros:

... texto é considerado hoje tanto como objeto de significação, ou seja, como um “tecido” organizado e estruturado, quanto como objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sociohistórico. (BARROS, 2003, p. 01)

Por isso não concebemos *O alienista* e o livro didático *História das Cavernas ao Terceiro Milênio* como textos monofônicos caracterizados por uma linguagem e um único sentido sobre algumas experiências dos habitantes do Rio de Janeiro do período oitocentista. Porque existe o outro ou os seus receptores que se encontram inseridos em um contexto cultural específico e permeado de várias vozes, pelo qual, estes o empregam pela leitura e pela escrita para entender esses recursos didáticos. Partimos do pressuposto que, ambos não se encontram organizados através de uma única voz, como

verdadeiro monólogo. Nesse caso, Bakhtin afirma que existem na relação dialógica dois caminhos. O primeiro é a abordagem interna, que consiste nas várias vozes organizadas pelo dialogismo do próprio autor, seja no texto literário ou no livro didático, antes mesmo de interagir com o leitor; e o segundo é a abordagem externa, em que o leitor se utiliza das várias vozes organizadas previamente pela sua relação dialógica com o seu contexto particular para atribuir sentido a polifonia do texto recepcionado.

Assim, ao levarmos em consideração essas condições dividimos em três capítulos esse estudo. No primeiro capítulo abordamos algumas discussões sobre a receptividade do professor e de seus alunos em relação ao texto literário e ao livro didático. E uma vez discutida as dificuldades no uso desses recursos didáticos, procuramos apresentar e justificar a escolha metodológica caracterizada pelo cruzamento dos seus efeitos de sentido estabelecidos pelo dialogismo desses leitores.

No segundo capítulo apresentamos e discutimos uma metodologia para o professor trabalhar com a relação entre o conto *O alienista* e o livro didático *História das cavernas ao Terceiro Milênio*. Para isso, recorreremos as idéias de alguns estudiosos como de Lília Moritz Schwarcz, Lucien Febvre, José Edilson Amorim e Sandra Jatahy Pesavento; mas sem perder de vista a relação dialógica mencionada anteriormente, seja ela autorizada através desses estudiosos ou pessoal através do professor de história e de seus alunos no ensino médio.

No terceiro capítulo discutimos o método particular de Machado para escrever sobre a história do Brasil oitocentista, levando em consideração o significado dos seus personagens não só para o seu contexto histórico, mas também para momentos que o antecede. Nestas condições, o eixo temático empregado para se trabalhar a ironia machadiana em relação à sociedade oitocentista do seu tempo e do tempo da trama narrada, nesse caso ambientado em meados do final do século XVIII, foi a influência do crescimento da cultura cosmopolita ou do cosmopolitismo cultural no Rio de Janeiro. Por isso, do ponto de vista de nossa análise de *O alienista*, entendemos esse aspecto inerente à cultura carioca oitocentista como uma carnavalização, ou seja, através de *O alienista* percebemos a apropriação de certos costumes e valores europeus – principalmente de Londres e Paris na década de 1880 – por

parte de alguns habitantes de Itaguaí como forma de esconder determinadas marcas culturais da ordem escravocrata e ao mesmo tempo servindo para transparecer uma vida aparentemente europeia nos trópicos.

De fato, procuramos privilegiar a década de 1880 para discutirmos a cultura cosmopolita vivenciado pela sociedade carioca no tempo de Machado, pelo qual, alguns dos seus personagens nos revelam, não só porque é o período em que ele escreveu *O alienista*, mas também porque é a fase mais marcante no que diz respeito a essa questão.

Em outros termos, nesse terceiro capítulo discutirmos a carnavalização da cultura ou a cultura carnavalizada que consiste na apropriação de hábitos e costumes europeus por parte da sociedade carioca do século XIX como forma de esconder a vergonha de si mesma por depender economicamente do trabalho escravo, mas servindo também para está em conformidade com a civilização e com o progresso. Isso significa dizer que, durante o século XIX, a partir da vinda da família real para o Brasil em 1808, a elite carioca procurou construir uma ordem cultural não oficial, um segundo mundo e uma segunda vida, caracterizada pela mutação dos valores coloniais com os valores da burguesia europeia.

CAPÍTULO I

A RELAÇÃO POLIFÔNICA E DIALÓGICA ENTRE O ALIENISTA E O LIVRO DIDÁTICO

Este tema foi desenvolvido no contexto discente do autor, resultado de sua experiência e reflexão pessoal no curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Foi através da relação entre a história e a literatura, que essa atividade se enveredou por uma outra metodologia para compreender certas experiências culturais da sociedade brasileira na década de 1880, levando em consideração os seus resultados no cotidiano escolar pesquisado e no diálogo com o livro didático.

Nesse sentido, o uso da literatura oferece aos historiadores, no seu ofício de professor, subsídio para compreender as experiências de homens e de mulheres submetidos em um tempo e em um espaço específico. De fato, esse caminho apresenta-se de modo não só aceitável, mas também plausível na medida que nos proporciona elucidações sobre costumes e valores inerentes à sociedade de uma determinada época.

O conto *O alienista* pode ser útil como recurso didático para o professor de história do Brasil. Essa obra de Machado de Assis nos permite reconstituir as sensibilidades do palco social que caracterizavam o Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX e, ao mesmo tempo, torna viável o seu uso no ensino.

Aqui é válido salientarmos que, tanto o conto *O alienista* quanto à literatura de um modo geral, têm sido utilizados no currículo escolar do ensino médio de maneira restrita¹. Contos, crônicas e romances de escritores que fazem parte da cultura do nosso país têm se mostrado presente na sala de aula como recursos didáticos destinados especialmente: para atividades de

¹ Sustento essa hipótese partindo do meu diálogo com professores de Língua Portuguesa e de Literatura que trabalham comigo no colégio Pio XI. No entanto, não podemos deixar de levar em consideração que existem professores do ensino médio de outras escolas particulares que procuram fazer a relação da literatura com a história geral e com a história do Brasil.

gramática, para enriquecer o vocabulário e/ou para orientar o exercício da escrita, a redação. Porém, alguns educadores da língua portuguesa se esquecem que os contos, as crônicas, os romances, etc. apresentam significações e sentidos relacionados ao contexto histórico de sua produção. Eles empregam esses recursos didáticos no cotidiano escolar como modelo ideal de linguagem escrita, esquecendo-se de construir junto com os seus educandos relações dialógicas através de visões de mundo neles implicados. Essa relação entre o leitor e a obra é necessária porque, segundo Bakhtin:

compreender sem julgar é impossível. As duas operações são inseparáveis: são simultâneas e constituem um ato total. A pessoa aproxima-se da obra com uma visão de mundo já formada, a partir de um dado ponto de vista. Esta situação em certa medida determina o juízo de valor sobre a obra, mas nem por isso permanece inalterada: ela é submetida a ação da obra que sempre introduz algo novo. Somente nos casos de inércia dogmática é que nada de novo é revelado pela obra (o dogmatismo atém-se ao que já conhecia, não pode enriquecer-se). (Apud. JOBIM & SOUZA, 1997, p. 340.)

Assim, ao fazermos uso do conto *O alienista* de Machado de Assis no ensino de história do Brasil, levando em consideração a relação dialógica entre o leitor e o texto literário, procuramos resgatar a significação e o sentido dos valores e os costumes da sociedade do Rio de Janeiro da década de 1880, não perdendo de vista o diálogo com o livro didático. Através dessa postura pedagógica tanto o professor como os seus alunos interpretam o texto literário e o livro didático utilizando-se para isso de vozes que fazem parte do seu contexto histórico. Esses sujeitos são percebidos aqui como leitores que entendem *O alienista* e o livro didático não com as suas próprias idéias e linguagem, mas na relação do eu com o outro.

Em outras palavras, a recepção do professor e dos seus alunos em relação à linguagem do texto literário machadiano e do livro didático se encontra condicionada pelo sentido do discurso atribuído por esses leitores, além de serem influenciado nessa atividade por outra(s) voz(es). Isso significa dizer que, no contexto escolar o professor de história e os seus educandos interrogam esses recursos didáticos sobre as sensibilidades aludidas através de sua linguagem peculiar, no qual expressa a sua concepção de mundo.

Nesse caso, devem atentar em suas indagações e avaliações para as diferenças espaços-temporais entre o contexto analisado e o próprio contexto de onde falam. Isto é possível por meio de uma metodologia que incentive a aproximação entre essas duas fronteiras, orientadas pela relação dialógica de um com o outro e com os seus leitores partindo da sugestão de Bakhtin:

não há uma palavra que seja a primeira ou a última. e não há limites para o contexto dialógico (este se perde em um passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os seus passados, nunca estarão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento.” (Apud. JOBIM & SOUZA, 1997, p.345)

Na relação entre *O alienista* e o livro didático através da polifonia e do dialogismo é possível construir uma visão de história sobre um referente dado, isto é, o Rio de Janeiro dos anos de 1880. Nessa relação temos, de um lado, um conto de Machado de Assis que por si só apresenta uma tensão polifônica inerente ao contexto histórico da época de sua publicação², pelo qual, vários sentidos podem renascer a cada instante por meio da relação dialógica com o professor de história e com os seus alunos. Por isso, levamos em consideração que o dialogismo dos sujeitos aqui mencionados é a condição que determina o sentido dos seus discursos (BARROS, 2003, p.02) não só na leitura do texto literário, mas também na leitura do livro didático. Em síntese: os tecidos polifônicos que constituem o texto literário machadiano e o livro didático se cruzam através dos fios dialógicos do contexto dos próprios autores com o contexto dos seus leitores em questão, pelo qual, se completam, revelam sentidos e proporcionam respostas para os seus silêncios.

Diante desse processo de ensino e de aprendizagem é importante também para o educador utilizar-se da recepção ao referido conto por parte de

² *O alienista* foi publicado entre outubro de 1881 e março de 1882.

importantes críticos brasileiros³, de cujas balizadas leituras ele deve se valer para orientar e exercitar a interpretação de seus educandos. Além disso, o professor pode cruzar esses resultados durante a discussão com os seus alunos e com o livro didático, produzindo, então, efeitos de sentido na sala de aula em relação à maneira como o palco social do Rio de Janeiro do período oitocentista chega até eles através de leituras peculiares dos textos e imagens.

Cada uma deles compreende à sua maneira, com intenções e sentidos divergentes, as sensibilidades dos habitantes do Rio de Janeiro, ou seja, eles desenvolvem reflexões sobre os valores, costumes e crenças presentes na sociedade do Rio de Janeiro na época que Machado de Assis escreveu *O alienista*. A referência de estudiosos sobre um texto literário que antecede a iniciativa do professor de história nessa prática pedagógica e interdisciplinar deve ser levada em consideração porque enriquece o seu ensino e orienta a aprendizagem dos seus alunos.

O livro didático também evidencia uma linguagem polifônica. Porém, diferente do conto machadiano que esconde na sua narrativa as várias vozes do contexto de sua época sob a forma de uma única voz, ou seja, da monofonia, o texto desse recurso de ensino se valida do embate de algumas vozes sociais autorizadas para explicar o Rio de Janeiro oitocentista. Por exemplo: visões de historiadores e de sociólogos produzidas sobre o período⁴.

Esta proposta para o ensino de história procura repensar o uso do texto literário e do livro didático, cujo objetivo é superar a “inércia dogmática”, ou seja, a leitura passiva. Nessa circunstância, não há oportunidade para o exercício da reflexão e ampliação das informações para além daquelas apresentadas por esse recurso didático, seja pelos professores, que têm dificuldades para manipular a linguagem autorizada de ambas através de uma metodologia problematizadora, seja pelos seus alunos que não sentem estímulo para refletir sobre o que é lido ou discutido na sala de aula em função de não serem orientados adequadamente para isso.

Quando privilegiamos o exercício do ato de ler através da articulação de *O alienista* com o livro didático, procuramos desenvolver uma metodologia para

³ Estamos nos referindo: a Jefferson Cano, a Luiz Costa Lima, a Kátia Muricy, a Lilia Moritz Schwarcz, a Luciano Trigo, a Maria Helena de Sousa Patto e a Sandra Jatahy Pesavento.

ensino de história que permita o aluno construir significações e sentidos, mas que também lhe proporcione descobrir o prazer pessoal da leitura e conseqüentemente da aprendizagem. Para Rubem Alves, o exercício da leitura prazerosa e também reflexiva tem que substituir a leitura que reproduz conhecimento e que conduz à memorização do saber valorizado pela metodologia desenvolvido pelos professores. Esse educador denuncia os problemas dessa falta de iniciativa:

os alunos aprendem que as coisas importantes estão escritas em livros, e com isso eles são desencorajados de pensar seus próprios pensamentos. Pesquisar é fazer resumo de artigos da Barsa. (...) Os alunos terminam por pensar que a educação é parar de pensar seus próprios pensamentos e pensar o pensamento dos outros – pelos quais eles não têm o menor interesse. (ALVES, 1999, p. 59)

Se o aluno faz uso da leitura do livro didático e/ou de um texto literário para reproduzir conhecimentos, também não revela nada de novo na significação e no sentido de sua linguagem por causa de sua postura passiva. Nessa perspectiva, não há prazer na aprendizagem. O prazer em ler pode ser desenvolvido através de uma metodologia que valorize a sua importância.

O livro didático é o recurso mais utilizado pelo professor para ensinar história, por isso não podemos escamoteá-lo dessa discussão. Forças políticas atuantes nas escolas particulares através de parcerias entre diretores e editoras exercem influências sobre a sua valorização como o mais “adequado” para as aulas de história. Contudo, não podemos deixar de apontar os seus silêncios, no intuito de revelar novas significações e sentidos no âmbito de sua proposta metodológica, como nos aconselha Gilberto Cotrim na apresentação do seu livro didático:

sendo um roteiro de estudos é claro que este livro se baseia em escolhas metodológicas do autor. Não representa obviamente a História, mas uma visão didática dos aspectos do processo histórico. Assim, este livro pode ser utilizado como um ponto de partida dos estudos. Nunca um ponto de chegada. Seu conteúdo é para ser lido, discutido, ampliado e

⁴ Ver em anexo o trecho do livro didático selecionado como proposta pedagógica para relacioná-lo com *O alienista*.

questionado. Nenhum livro é depositário do saber absoluto, pronto e acabado. (COTRIM, 1992, p.02)

Nestas circunstâncias, desenvolvemos uma relação entre a polifonia e a sua relação dialógica com os estudiosos de *O alienista* com o do livro didático, proporcionando ao leitor um outro diálogo e a redescoberta de novas significações e sentidos em ambos, mas convergindo para o mesmo conteúdo: o palco social do Rio de Janeiro da década de 1880. Apesar da diferença de linguagem entre ambos, é possível interagir as suas idéias em conjunto com propósitos educativos.

O enredo⁵ do conto *O alienista* pode orientar a atenção do leitor para divergentes aspectos referentes às experiências sociais atinentes ao momento da trama, mas também ao momento do narrador. Ora, Machado de Assis foi um escritor que estabeleceu uma relação com as várias vozes do contexto histórico de sua vida através dessa obra. Se é verdade que, “através do texto literário, Clio⁶ pode enxergar mais longe” (PESAVENTO, 1996, p.117) por que não emprestá-lo ao ensino, ao professor de história?

O texto literário pode se revelar uma importante fonte para professores e alunos com vistas à leitura de certos períodos da história do Brasil. Ela pode apresentar para esses leitores imagens sobre o urbano, no caso aqui a representação da identidade do Rio de Janeiro traduzida pelo olhar machadiano através de *O alienista* e na sua relação com a linguagem e com os silêncios do livro didático.

E quando falamos do Rio de Janeiro oitocentista através de *O alienista*, significa que procuramos estabelecer uma relação dialógica com o olhar cético

⁵ O resumo do conto *O alienista* e o seu estudo se encontra nos capítulos II e III desse trabalho.

⁶ O termo Clio é utilizado pela historiadora Sandra Jatahy Pesavento como sinônimo para história que trata do verossímil. Segundo ela, esse conceito tem sua origem na mitologia grega: “no Monte Parnaso, morada das Musas, uma delas se destaca. Fisionomia serena, olhar franco, beleza incomparável. Nas mãos, o estilete da escrita, a trombeta da fama. Seu nome é Clio, a musa da História. Neste tempo sem tempo que é o tempo do mito, as musas esses seres divinos, filhas de Zeus e de Mnemósine, a Memória, têm o dom de dar existência àquilo que cantam. E, no monte Parnaso, cremos que Clio era uma filha dileta entre as Musas, pois partilhava com sua mãe o mesmo campo do passado e a mesma tarefa de fazer lembrar. Talvez, até, Clio superasse Mnemósine, uma vez que, com o estilete da escrita, fixava em narrativa aquilo que cantava e a trombeta da fama conferia notoriedade ao que celebrava. No tempo dos homens, e não mais dos deuses, Clio foi eleita a rainha das ciências, confirmando seus atributos de registrar o passado e deter a autoridade da fala sobre os fatos, homens e datas de um outro tempo, assinalando o que deve ser lembrado e celebrado.” (PESAVENTO,

de Machado de Assis, e que tem como preocupação representar da forma mais verossímil possível a sociedade de sua época. O palco social do Rio de Janeiro oitocentista, simbolizado pelos moradores de Itaguaí – a cidade fictícia onde se desenvolve a trama machadiana – estava com a sua atenção voltada para as idéias, costumes e valores dos ingleses e dos franceses, pelos quais, eram adotados por nossas elites como marcos civilizatórios.

Mas, a representação do Rio de Janeiro entre as décadas de 1850 e 1880 pelo livro didático tende a privilegiar uma narrativa descritiva sem refletir sobre as transformações no meio urbano causados pelos signos do progresso: indústrias, bancos, companhias de seguros, navegação, transporte urbano e de gás, o emprego de novas máquinas no cultivo do café, iluminação a gás e água encanada; além de mencionar a adoção, pela elite carioca, dos modismos europeus, hábitos, valores e diversões.

De fato, o livro didático evidencia um caminho simplificado para explicar o Rio de Janeiro oitocentista. Apesar dos seus autores terem formação universitária, as regras das editoras e os critérios exigidos pelo vestibular, impossibilita a iniciativa pessoal de substituir o seu modelo de linguagem, que via de regra, é mais descritiva que reflexiva. Todavia, não podemos esquecer que

o livro didático é, antes de tudo, uma *mercadoria*, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à lógica do mercado. Como mercadoria ele sofre interferências variadas em seu processo de fabricação e comercialização. Em sua construção interferem vários personagens, iniciando pela figura do editor, passando pelo autor e pelos técnicos especializados dos processos gráficos, como programadores visuais, ilustradores. É importante destacar que o livro didático como objeto da indústria cultural impõe uma forma de leitura organizada por profissionais e não exatamente pelo autor...” (BITTENCOURT, 1997, p. 71)

A simplificação nos livros didáticos de partes das informações complexas de obras acadêmicas facilita o seu acesso ao público infantil e juvenil. Mas, por outro lado, a sua linguagem não possibilita uma interlocução mais autônoma do aluno. Diante dessa circunstância, torna-se conveniente a

seguinte pergunta: será que o professor, utilizando o conto *O alienista* de Machado de Assis através do diálogo com o livro didático, não estimularia e favoreceria a aprendizagem dos seus educandos sobre a história do Brasil do século XIX?

Apesar de o livro didático ser um instrumento pedagógico, na maioria dos casos, imposto ao professor de história através de forças políticas discutidas nesse capítulo, cabe a ele a escolha ou o desenvolvimento da metodologia. E mesmo com essa condição, é possível estabelecer a relação entre o texto literário com esse recurso didático.

O professor é responsável pela maneira como esse recurso didático é utilizado no ensino de história, refletindo também no tipo de valor que ele têm para os seus alunos. Por isso, a articulação do livro didático com o texto literário de Machado de Assis, além de permitir o entendimento mais minucioso a respeito das sensibilidades do palco social do Rio de Janeiro do período oitocentista, também possibilita ao mesmo tempo desenvolver a iniciativa de buscar outros trajetos possíveis para refletir e aprender sobre essa experiência histórica.

Assim, tanto o livro didático como *O alienista* é tratado nesse estudo como recursos didáticos de igual valor. Nessas condições, relacionamos esses dois textos como duas mônodas, ou seja, como pontos de vistas sobre o Rio de Janeiro oitocentista no âmbito mais geral da história do Brasil, que chegam até nós com significações e sentidos sob a forma de textos e imagens particulares.

CAPÍTULO II

APROXIMAÇÃO DE FRONTEIRAS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

É comum o professor de História desenvolver a sua metodologia para ensinar tomando como referência principal o livro didático. Porém, como foi apontado e discutido no capítulo anterior, diante de sua narrativa tendendo mais para o descritivo, não esquecendo seus silêncios, responsáveis por condicionar o leitor à uma leitura passiva, é necessário relacioná-lo com outros recursos didáticos ou fontes. Em uma passagem famosa em *Combates pela História*, Lucien Febvre orienta com que tipo de fonte o historiador⁷ pode utilizar para compreender os fatos históricos:

a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permiti-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos... Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade (sic.), os gostos e as maneiras de ser do homem. (FEBVRE, 1985, p. 249)

O professor de história pode fazer o livro didático falar de maneira mais ampla através da sua relação com o texto literário, revelando não só transformações políticas e econômicas, mas também a maneira como elas interferem e resignificam costumes e valores de uma sociedade. O cruzamento desses dois recursos didáticos ou dessas duas fontes se baseia no dialogismo estabelecido pelo educador, e de como ele também pode orientar os seus educandos a desenvolver uma leitura reflexiva e pessoal de ambos. Então, como isso é possível?

⁷ Nesse trabalho levamos em consideração o termo historiador como sinônimo para professor de história, pois acreditamos que o ensino também está relacionado com a pesquisa. A sala de aula é um dos lugares pelo qual o educador-pesquisador divulga os resultados de sua pesquisa para o seu público, ou seja, para seus alunos.

É na metodologia desenvolvida ou adotada que o professor interpreta os fatos históricos abordados pelo livro didático e pelo texto literário, buscando a verossimilhança orientada pela sua escolha teórica. Ele (o leitor/pesquisador) interroga sobre a significação e o sentido que esses recursos didáticos de apoio (no caso deste estudo uma obra literária) apresentam-lhes sobre o tema estudado. Que tipo de significação o livro didático *História das Cavernas ao Terceiro Milênio*⁸ e o conto *O alienista* empregam para tratar da sociedade do Rio de Janeiro da década de 1880? E com que sentido as informações e as imagens de ambos chegam até ele?

Nessas condições, o significado consiste no emprego de conceitos inerentes à opção teórica adotada pelo professor e nas alegorias machadianas, incluindo também a leitura de personagens fictícios para explicar o palco social do Rio de Janeiro oitocentista pela articulação entre o livro didático *História das Cavernas ao Terceiro Milênio* e *O alienista*. E o sentido, por sua vez, é uma construção interpretativa inacabada e permanente nessa pedagogia interdisciplinar, inscrita na grande temporalidade, ou seja, o sentido da leitura atribuída pelo educador com base no seu contexto caracterizado por um tempo, por um lugar e por uma cultura diferente de outros contextos.

Contudo, a leitura particular do professor se revela como uma entre inúmeras outras possibilidades nessa relação polifônica com o livro didático ou na relação deste mesmo com o texto literário. Ela jamais se esgota, porque a sua fala sofre interferências não só das vozes de sua metodologia orientada pela opção teórica e dos recursos didáticos que se relacionam, mas também das vozes dos seus educandos que se inserem na sala de aula.

O professor faz falar o livro de *História das Cavernas ao Terceiro Milênio* ouvindo as vozes que habitam no texto ou na mônada organizados pela tensão polifônica entre as autoras através dos seus pequenos parágrafos descritivos, relacionados com as idéias de livros do ensino superior e com uma citação em destaque do livro *Sobrados e mucambos* do sociólogo Gilberto Freire, referente ao Rio de Janeiro oitocentista. (BRAICK & MOTA, 2002, p. 383) Nessa breve

⁸ Utilizaremos como amostragem o livro didático *História das Cavernas ao Terceiro Milênio*, de autoria Myriam Becho Mota e Patrícia Ramos Braick, por dois motivos: primeiro porque é o manual escolar de referência adotado pelos professores e alunos no ensino médio do Colégio Pio XI; segundo porque embora haja vários outros, esse recurso didático não se diferencia

descrição, as autoras Braick e Mota revelam para o educador e para os seus educandos a maneira como as mudanças materiais interferem no desenvolvimento de novos hábitos e costumes na sociedade carioca da segunda metade do século XIX, mas com destaques para “personagens ilustres”, por exemplo: D. Pedro II e a elite imperial.

O conto *O alienista*, por sua vez, permite ao professor de História a possibilidade de captar o passado por uma outra linguagem, pela ficção. O professor José Edílson Amorim explica como podemos ler um texto literário, procurando aproveitar as suas informações na sala de aula:

o foco é o texto; ele é o ponto de partida. Mas o texto não é algo isolado do mundo. Sua significação mobiliza idéias e sentidos que nascem da relação que o texto estabelece com o contexto. Então, uma boa compreensão de um texto pode surgir da leitura que fazemos das relações que o texto e o contexto estabelecem, uma vez que o texto, já contém em si, uma leitura dos contextos com o que está relacionado. (AMORIM, 2003, p.67)

Apesar de *O alienista* ser considerado um documento de época e também um recurso didático, a sua linguagem não se relaciona com o passado de maneira transparente. Por isso, uma das condições para que esse texto literário possa ser útil como subsídio de ensino e de aprendizagem, está em interpretar as suas alegorias de maneira controlada. Em outros termos, para que o leitor possa estabelecer o dialogismo pessoal com esse conto machadiano, é importante em sua metodologia sistematizar, comparar e cruzar a sua narrativa com as informações de outras bibliografias que tratem da sociedade carioca do período oitocentista, levando em consideração também o apoio do dialogismo autorizado de outros estudiosos, cujo intuito é responder ao objetivo proposto. Em suma, o professor precisa saber manipular as informações da literatura ao empregá-la como recurso didático para estabelecer uma sintonia com a linguagem e com os silêncios do livro *História das Cavernas ao Terceiro Milênio*, se deseja facilitar a aprendizagem dos seus alunos sobre a história do Brasil.

muito dentre os textos produzidos nos anos de 1990 no que diz respeito a sua opção teórica e metodológica para explicar os fatos históricos.

Nesse sentido, a leitura do texto literário, ao interagir com o livro didático é utilizada como estratégia de ensino e de aprendizagem, e se caracteriza pelo compromisso de entender o palco social do Rio de Janeiro oitocentista através da ficção. E, para isso, busca-se na narrativa literária localizar nos personagens envolvidos na trama machadiana os costumes e valores emprestados da época de sua publicação, pois para Febvre:

...a literatura se configuraria neste caso como fonte para o registro das sensibilidades passadas e também como forma pelo qual se difunde e socializa a sensibilidade de uma época junto ao seu público. (Apud. PESAVENTO, 1996, p. 109)

Estabelecida às considerações acima, o professor pode dialogar com as informações e os silêncios do livro didático para um melhor entendimento sobre a sociedade carioca oitocentista através da sua relação com a leitura de *O alienista*. Em um breve resumo, podemos situar o enredo desse conto machadiano: o médico Simão Bacamarte ou o alienista começa a estudar de modo obsessivo a loucura, além de conseguir junto à Câmara de Itaguaí, cidade onde reside, permissão para construir um asilo para alienados. Essa instituição de controle, denominada de Casa Verde, passa a ser administrada por ele. De início, a população que aceita com simpatia esse gesto de progresso para a vila, começa a se alarmar com a quantidade de pessoas que o alienista passa a recolher nesse lugar, alegando serem loucas.

Através do estudo desse texto machadiano é possível entender a ironia com que o autor trata certos conceitos e valores que circulavam e guiavam as práticas sociais não só dos “personagens ilustres” como D. Pedro II e de quem fazia parte da elite imperial, mas também de homens e de mulheres pertencentes a outras categorias sociais, escondidos no anonimato da história do Rio de Janeiro no final do século XIX. Estamos nos referindo também aos profissionais liberais ou a camada social média em ascensão e ligada ao capital internacional.

O caminho para articular a linguagem de Machado de Assis com a narrativa do livro didático parte da identificação do significado e do sentido que têm os signos ou as alegorias de *O alienista*. Para isso estabelecemos o dialogismo pessoal com esse texto literário, e ao mesmo tempo nos

aproximamos ou nos distanciamos do dialogismo autorizado de alguns estudiosos de Machado de Assis, dependendo da nossa sintonia com a sua opção teórica e com a sua metodologia.

Na concepção de Pesavento “Machado teria trabalhado com as categorias do tempo e do espaço para alegorizar o momento em que vivia a cidade do Rio de Janeiro.”(PESAVENTO, 1996, p. 111) E sob estas condições, esse escritor toma como referência uma fase marcante da história para desenvolver o seu conto: um período posterior à época das Luzes. O uso de alguns termos nos conduz a esse recorte temporal: “el Rei” (ASSIS, 2000, p. 09) e “...a Casa Verde – ‘essa Bastilha da razão humana’...” (ASSIS, 2000, p. 28). É a partir da filosofia iluminista no final do século XVIII e início do século XIX que as idéias fundamentadas na razão e na ciência se propaga pela Europa. Esse gosto desenvolvido pela sociedade carioca, no qual Machado de Assis convivia, pelos paradigmas científicos da geração científicista de 1880 e 1890, tendo como representantes Darwin, Comte, Renan, Taine, Buckley, Heackel e Spencer apresentavam-se para ela como saberes autorizados que desvendavam e explicavam o funcionamento e a organização do mundo. (PESAVENTO, 1996, p. 112)

É nesse controverso contexto que os letrados do Rio de Janeiro buscavam, através do saber científico europeu, expressado, por exemplo, pelo liberalismo econômico e pelo positivismo, construir uma identidade “civilizada” para um Brasil que na década de 1880, se encaminhava gradativamente para a República. Porém, para Machado de Assis, eles divulgavam e consumiam as idéias européias por aqui sem levar em consideração os limites de sua aplicação:

a nova geração freqüenta os escritores da ciência; não há aí poeta digno desse nome que não converse, um pouco ao menos, com os filósofos e naturalistas modernos. Devem, todavia, acautelar-se de um mal: o pedantismo. Geralmente, a mocidade, sobretudo a mocidade de um tempo de renovação científica e literária, não tem outra preocupação mais do que mostrar às outras gentes que há uma porção de coisas que estas ignoram; e daí vem que os nomes ainda frescos na memória, a terminologia apanhada pela rama, são logo transferidos para o papel, e quando mais crespos forem os nomes e as palavras, tanto melhor. Digo aos moços que a verdadeira ciência não é a que se incrusta para o ornato, mas

que se assimila pela nutrição; e que o modo eficaz de mostrar que se possui um processo científico não é proclamá-lo a todos os instantes. Nisto os melhores exemplos são os luminares da ciência: releiam os moços o seu Spencer, o seu Darwin. Fugam também de outro perigo: o espírito da seita, mais próprio das gerações feitas e das instituições petrificadas. O espírito da seita tem fatal marcha do odioso ao ridículo[...]. (Apud. PESAVENTO, 1996, p. 113.)

Diante do seu posicionamento cético em relação aos saberes derivados do cientificismo europeu, que passam a interferir nos mais variados aspectos, seja na economia, na política e nos costumes e valores na sociedade do seu tempo, Machado de Assis lida com um recorte cronológico deslocado e antecedente ao seu quando narra *O alienista* com o intuito de criticar a “nova geração” de intelectuais do Rio de Janeiro no final do século XIX. Mas, não só.

A crítica vai mais além. Ela inclui também a camada social média carioca, representada por alguns dos personagens que Simão Bacamarte prende na Casa Verde. Machado atribui um significado específico para cada personagem existente no seu conto através do modo de pensar e de agir de acordo com os valores da vida social de sua época⁹.

O saber da ciência usado por Bacamarte, o conduz à frente da comunidade que ele convive. Os moradores de Itaguaí, apesar de não compreender os seus discursos e os seus critérios científicos, acreditam no seu poder de conhecimento e de verdade. Aqui, o que se percebe são os conhecimentos ligados aos projetos de política, de economia e de sociedade manipulado para satisfazer os interesses de poucos, e com a ausência de intervenção de muitos por causa do seu desconhecimento e de sua indiferença. Isso significa dizer que, o palco social do Rio de Janeiro oitocentista vivenciado por Machado, se caracterizava, segundo Carlos Faraco, por “um mundo que se mostra por dentro e se esconde por fora.” (FARACO, 2000, p. 01)

Esse universo de saberes distintos e demarcados entre o alienista e a população de Itaguaí refletia não só no discurso fechado dos intelectuais da Corte carioca apoiado nos saberes importados da Europa, hostilizado e ironizado por Machado de Assis, mas também nos projetos políticos e econômicos que induzia a maior parcela da sociedade a se adequar em

relação aos novos signos culturais e materiais, que daí emergiam. E para os indivíduos sem prestígio político e econômico – os homens pobres livres e os escravos – que não tiveram acesso ao conhecimento oferecido pela ciência do século XIX, restava apenas assistir e aceitar as mudanças.

Ora, essas modificações interessadas partiam daqueles que se encontravam no poder das decisões, nesse caso de D. Pedro II e da elite imperial, além de outros profissionais dotados do conhecimento autorizado pela ciência ao seu serviço, a exemplo de botânicos, boticários, banqueiros, arquitetos, alfaiates, urbanistas, etc. E com poder semelhante, Simão Bacamarte interfere na vida dos habitantes de Itaguaí com o consentimento da Câmara local, ao estudar o modo de pensar e de agir deles de acordo com os seus critérios científicos:

homem da ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência; e se alguma coisa o preocupava naquela ocasião, se ele deixava correr pela multidão um olhar inquieto e policial, não era outra coisa mais do que a idéia de que algum demente podia achar-se ali misturado com a gente do juízo. (ASSIS, 2000, p. 16.)

Simão Bacamarte se apresenta na trama como um indivíduo autoritário do discurso positivista, ao fazer da ciência a sua religião. As ações desse personagem em relação aos habitantes de Itaguaí explicitam a maneira como os paradigmas científicos na década de 1880 começaram a ser contemplados pela elite imperial do nosso país. Machado aponta para essa questão no primeiro capítulo do seu conto, ao descrever as primeiras atitudes tomadas por Bacamarte, quando ele se envolve com o seu “universo” (ASSIS, 2000, p. 09), ou seja, quando ele se defronta com os costumes e os valores que caracterizam a cultura do palco social de Itaguaí, nos quais não se encontram condizentes com o “progresso” apreciado na Europa: “... meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.” (ASSIS, 2000, p. 09)

As teorias científicas européias eram discutidas por aqui com a preocupação de sua ética. Por isso elas se encontravam, num primeiro

⁹ Alguns dos costumes e valores pelo qual cada personagem machadiano encarcerado na Casa Verde toma emprestado da sociedade carioca do século XIX é estudado com detalhes no

momento, em fase de difusão, mas conquistando paulatinamente novos adeptos através do interesse, da aceitação e da veneração. Os seus adeptos liam manuais e livros que tratavam de sua natureza. Segundo Moritz Schwarcz: “a ciência penetra primeiro como ‘moda’ e só muito tempo depois como prática e produção.” (SCHWARCZ, 1993, p. 30)

D. Pedro II, por exemplo, valorizava a ciência europeia compartilhando do hábito de falar, de freqüentar assiduamente exposições, expedições no Brasil e no exterior. Ele acreditava que, através dessas iniciativas, a imagem do Brasil como um país da “mata” e da “selvageria” poderia mudar para um país moderno alicerçado culturalmente na indústria, na civilização e na ciência. Com esse propósito, o nosso segundo imperador se orientava pelos saberes científicos para administrar o país. Ele costumava dizer: “a ciência (sic.) sou eu”. (Apud. SCHWARCZ, 1993, p. 31.) Em suma, falar e ler sobre ciência significava estar em conformidade com o progresso.

A oscilação entre teoria e prática fundamentada nos princípios científicos, responsáveis por balizar o comportamento de Simão Bacamarte em relação às suas reflexões pessoais e investidas contra os habitantes considerados loucos em Itaguaí, expressa as duas etapas históricas de como a ciência se enraíza na nossa cultura. Ele se acha capaz de identificar os insanos, além de classificá-los, baseando-se no desenvolvimento de um paradigma para estudá-los e para identificá-los através dos seus costumes e dos seus valores inerentes à sociedade de seu “universo”: “A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades, fora daí insânia, insânia e só insânia.” (ASSIS, 2000, p. 18.)

Para Simão Bacamarte a razão importada da Europa é o princípio básico da normalidade. Esse “homem da ciência” tenta corrigir os habitantes de Itaguaí considerados anormais através da certeza rigorosa dos fatos experimentado por ele, no qual a sua construção teórica sobre a loucura se redefine à cada personagem encarcerado na Casa-Verde: “*a loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.*” (ASSIS, 2000, p. 17) Nesse sentido, a mensagem machadiana aponta-nos para um Rio de Janeiro que começa a se distanciar da sua herança caracterizada por hábitos e costumes coloniais, apoiados na

ordem escravista, para tornar-se um “laboratório de experimentação” social, econômico, e político, por influência do seu crescimento cultural cosmopolita¹⁰. Na percepção machadiana, os fatos do cotidiano considerados anormais se ocultam pelo véu da normalidade.

Por isso Simão Bacamarte prende todos os habitantes de Itaguaí na Casa Verde e os soltam depois, alegando ser ele próprio o louco. De fato, é na passagem final do conto que Machado de Assis nos aponta para a artificialidade escancarada com que a elite carioca oitocentista tenta imitar certos valores e costumes europeus como fatos recorrentes do cotidiano, considerados anormais para ele, mas que transita para o normal.

Assim, assuntos discutidos no cotidiano do Rio de Janeiro oitocentista fundamentada na ciência e na razão se encontrava mergulhada em um mundo de “vícios” e de incoerência no contexto desse período, segundo a percepção machadiana. Idéias e conceitos dos representantes da geração cientificista das décadas de 1880 e 1890 que se prestavam às necessidades européias eram apreciados pelos nossos “Bacamartes”, que tomavam emprestadas e tentavam aplicá-las no Brasil. Não é por acaso que a palavra “Bacamarte”

...é uma espécie de espingarda do século XVI que atirava a curta distância, com grande dispersão, projéteis de toda espécie. Na época dos fuzis Comblaim, a ironia fica mais por conta do pequeno poder de fogo da arma escolhida, imagem perfeita da superficialidade da cultura de boa parte de nossos homens que queriam ser cultos. (PATTO, 1996, p.196)

Nessa perspectiva, a imagem de Bacamarte simboliza a maneira com que as teorias científicas da Europa são importadas e valorizadas pela elite carioca durante o século XIX. De fato, essa questão não é mencionada pelo livro didático, apesar de sua ênfase dada a biografia e algumas das ações políticas de D. Pedro II, bem como ao cotidiano da sociedade carioca no que diz respeito ao seu gosto pelo carnaval, pelas festas de salões (os *saraus*), pelos concertos líricos europeus e pelas peças de teatro. (BRAICK & MOTA, 2002, p. 383) Apesar disso, se professor de história orienta os seus alunos a desenvolver uma relação dialógica desse recurso didático com *O alienista* o

¹⁰ O termo “cosmopolita” significa indivíduo ou lugar influenciado por várias nações (nesse caso França e Inglaterra), capaz de assumir hábitos e costumes internacionais.

entendimento sobre esse período da história do Brasil se amplia e revela outras questões.

Nessas condições, o efeito de sentido produzido através dessa relação enriquece tanto o ensino como a aprendizagem, porque o estudo transpõe os limites das informações aludidas apenas pelo manual escolar sobre alguns aspectos do cotidiano de certas categorias sociais do Rio de Janeiro oitocentista. Tentar compreender a sociedade carioca desse período apenas pelo livro didático, implica perder de vista outros significados, a exemplo de como ela percebia e se relacionava culturalmente com a França e a Inglaterra, seja pela influência de alguns dos seus conhecimentos científicos, seja pela adoção de certos costumes e valores importados pela sua crença em está no caminho da civilização e do progresso.

A importância atribuída por Machado pela descrição do seu cotidiano através do comportamento de Simão Bacamarte e dos demais personagens do seu conto, no qual se encontra marcado por um período de transformações no que diz respeito aos códigos simbólicos de sociabilidade, é um convite para o professor e os seus alunos refletirem principalmente sobre o porque e como a cultura cosmopolita altera vida da sociedade do Rio de Janeiro da década de 1880.

CAPITULO III

A LOUCURA: UM PRETEXTO MACHADIANO

A troca de posições entre Simão Bacamarte e os habitantes de Itaguaí, pelo qual, o normal torna-se louco e os loucos tornam-se normais, nos revela uma das preocupações de Machado de Assis: refletir sobre a adoção de certos costumes e valores europeus por parte da elite carioca da década de 1880, mas chamando a atenção de como esses marcos civilizatórios no seu cotidiano são utilizados.

Segundo o historiador Jefferson Cano, esse escritor desenvolveu uma historiografia particular para analisar a sociedade do seu tempo¹¹. (CANO, 1998, p. 37) Para Machado os acontecimentos culturais do cotidiano em si mesmo não têm a menor importância. Porém, a sua preocupação estava direcionada para o tipo de reflexão que as experiências vivenciadas por ele imprimia: “eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz. Aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto.” (Apud. FARACO, 2000, p.08)

Com essa atitude Machado dialoga, em *O alienista*, com questões ligadas ao crescimento da cultura cosmopolita no Rio de Janeiro, partindo das condições sociais do seu cotidiano. Todavia, a sua ênfase atribuída ao aspecto psicológico dos seus personagens em relação às condições sociais e urbanas do seu tempo, nesse conto, se apresenta como um pretexto.

Conforme foi discutido no capítulo anterior, para compreendermos o significado que tem o conto *O alienista* para esse autor, não podemos separá-lo do contexto de sua produção. Nessas circunstâncias, o método machadiano de escrita procura se utilizar da ficção para desviar a atenção do leitor do histórico-social para a diversão proporcionada pelas investidas de Simão

¹¹ Para uma leitura minuciosa sobre a função da literatura para Machado de Assis, além do seu diálogo com a produção historiográfica firmada na segunda metade do século XIX de como deveria assumir a “história nacional” sugerimos CANO, Jefferson. Capítulo 2: Machado de Assis, historiador. In: CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda (organizadores). *A História Contada: capítulos da história social da literatura no Brasil*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Bacamarte contra os loucos de Itaguaí. Em outros termos, Machado esconde e revela ao mesmo tempo a sua visão crítica de certas transformações culturais vivenciadas por ele através dos motivos que induz o alienista a confinar os habitantes de Itaguaí na Casa Verde. Segundo Luiz Roncari,

na sua literatura, o modo de ser social é exposto com uma tal naturalidade, que acaba se tornando transparente, como um espelho que não refletisse e a atenção do leitor fosse desviada para planos mais profundos, porém muitas vezes secundários, para busca da verdade histórica no fingido e no inventado. (RONCARI, 1999, p. 846)

É importante o professor levar em consideração essa singularidade do método machadiano, ao relacionar as idéias de *O alienista* com o livro didático. E ao mesmo tempo, é pertinente tomar conhecimento de estudos ou de discussões no que diz respeito à leitura desse conto machadiano, durante o seu emprego como recurso didático, cujo intuito é compreender algumas das questões referentes à história do Brasil oitocentista sem correr o risco de exceder os limites da interpretação. Segundo o professor José Edilson Amorim,

devemos indagar sobre as motivações de tudo que o texto contém, respeitando sua integridade. Mesmo tendo todo o direito à indagação, não podemos *inventar* o texto para a conveniência de nossa análise. Podemos pressupor e imaginar, mas não substituir o texto que temos diante de nós pelo texto que desejamos. A pressuposição e a imaginação, depois de seu *passeio*, devem voltar ao texto e cotejar suas interferências para ver se o texto as confirma ou as rejeita. (AMORIM, 2003, p. 57-8)

Ao levar em consideração essa postura no ato da leitura, além de não perder de vista a particularidade do método machadiano de análise da sociedade carioca oitocentista, o professor pode estabelecer uma relação dialógica com *O alienista* partindo do estudo das alegorias que mobilizam essa trama.

A questão principal no conto não é dar visibilidade as teorias sobre a loucura de Simão Bacamarte, e muito menos à Casa Verde que seu personagem inaugura em Itaguaí. Apesar de Machado criticar o espírito da seita e do dogma com que a sociedade carioca adota o saber científico de sua época ao identificar uma cor específica para essa instituição administrada pelo

alienista: "... a Casa é verde, cor das vestes rituais que os seguidores brasileiros usavam no Templo Positivista." (PATTO, 1996, p. 197) E não é por acaso que todos os habitantes de Itaguaí ficam presos na Casa Verde. Inclusive o próprio Bacamarte no final do conto opta por morar nela:

era decisivo. Simão Bacamarte curvou a cabeça juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato contínuo, recolheu-se à Casa Verde. Em vão a mulher e os amigos lhe disseram que ficasse, que estava perfeitamente são e equilibrado nem rogos nem sugestões nem lágrimas o detiveram um só instante. (ASSIS, 2000, p. 48)

Essa instituição simboliza o Brasil do século XIX, caracterizada por uma ordem social que tenta enraizar certos valores da seita "petrificada" pela ciência importada da Europa. Em síntese, a crítica machadiana nos apresenta uma ciência caracterizada pelo saber autoritário que privilegia a veracidade de questões ligadas à sociedade, comprovadas pela experimentação e pela classificação.

O alienista simboliza a crítica machadiana ao cientificismo europeu que se mostrou presente na sua rotineira convivência com a sociedade carioca oitocentista¹². O que Bacamarte pode nos revelar como significado cultural ligado ao contexto sócio-histórico de Machado é a moda da época de se falar, ler e pensar sobre ciência.

Nessas condições, a loucura para esse escritor está na apreciação de saberes científicos vindos da Europa, no qual são dogmatizados e universalizados pela sociedade carioca de sua época como referências para se entender as condições culturais do Brasil em relação à Londres e Paris. Podemos perceber a crítica desse escritor em relação a essa questão quando o alienista revela para o boticário Crispim Soares as suas intenções ao inaugurar um asilo de loucos em Itaguaí:

¹² Segundo Luciano Trigo, "... às 10:00 da manhã, pontualmente, Machado saía de casa e tomava o bonde para a repartição ; terminado o expediente, às 16:00, tomava outro bonde para a Livraria Garnier (na Rua do Ouvidor 71), onde trocava dois dedos de prosa com os amigos," (é bem provável que ele tenha encontrado motivação para escrever *O alienista* após uma dessas conversas, pois os acontecimentos considerados significativos para a sociedade dessa época também corria de boca em boca, além do uso de panfletos e jornais para isso) "e dali voltava para casa." (TRIGO, Luciano. "Viagem à roda do Rio de Machado". In: *O Viajante Imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo*. Rio de Janeiro: Record, 2001. P. 21)

o principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificá-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenómeno e o remédio universal. (ASSIS, 2000, p. 12)

Assim, mais do que representar o saber e o exercício do médico psiquiátrico na sociedade carioca, o que Machado faz é lançar mão da suposta cura dos personagens reclusos à Casa Verde, como uma espécie de pretexto. Com isso, a sua intenção é criticar a adoção de certos hábitos e costumes do modo de vida da burguesia londrina e parisiense como “remédio universal” para a sociedade carioca oitocentista está em sintonia com a civilização e com o progresso. Nesse sentido, através do comportamento dos personagens de Itaguaí, Machado observa e reflete sobre as experiências culturais do seu tempo. Isso revela tanto para o professor de história como para os seus alunos certas características históricas inerentes ao cotidiano social e urbano de um Rio de Janeiro, pelo qual, o livro didático *História das cavernas ao Terceiro Milênio* tende a não discutir.

O fato é que Machado registra, pelo signo da loucura dos seus personagens, a informação sobre o sentimento cavalheiresco, o gosto pela arquitetura francesa das habitações, a ostentação pela mobília importada, a preocupação com a aparência por parte dos que pertenciam a uma categoria social privilegiada, a exibição dos dotes de oratória, a supervalorização da etiqueta, a necessidade de estabelecer relações sociais de controle da vida alheia pela boa prosa, a apreciação pela moda parisiense, etc.

A ironia machadiana nos revela, através de *O alienista*, a segunda vida da sociedade carioca oitocentista que oscila entre a essência e a aparência. A ênfase da percepção de Machado pelas práticas sociais do cotidiano toma como alvo a sua transição da anormalidade para a normalidade, quando certas experiências culturais preservadas desde o período colonial são encobertas pelo véu de certos hábitos e costumes importados do velho continente, conforme foi mencionado anteriormente. De fato, ao lado de uma ordem escravocrata, a sociedade carioca do século XIX procurou construir um segundo mundo ou uma segunda vida se apropriando de alguns valores culturais de Londres e de Paris. A vergonha de si mesmo era ocultada pelo

vestuário da última moda parisiense; pela leitura de manuais científicos; pela adoção do liberalismo democrático; e pela apreciação do romantismo de Byron, de Musset e de Hugo.

Partindo desses e de alguns outros costumes e valores da Europa, Machado denuncia os vários tipos de loucura responsáveis por balizar o cotidiano da sociedade carioca oitocentista, na busca frenética pela necessidade de construir um Rio de Janeiro do progresso e da civilização em paralelo a certas características do seu passado colonial:

esse impulso coletivo para a imitação dos europeus, na vida privada, era o reflexo de uma nação que se fantasiava apressadamente de civilizada e moderna – mesmo que essa modernidade fosse muitas vezes inadequada às circunstâncias tropicais... (TRIGO, 2001, p. 61)

Uma vez fazendo parte desse contexto, cada habitante de Itaguaí representa aspectos peculiares da loucura ou da crítica machadiana em relação à cultura cosmopolita da sociedade carioca. Machado utiliza-se para isso dos personagens de Itaguaí para refletir sobre alguns acontecimentos e transformações culturais inerentes ao seu cotidiano. À medida que a história dos personagens avança, a maioria deles começa a apresentar comportamentos que fogem dos padrões da normalidade, segundo a opinião de Simão Bacamarte. Então, no primeiro momento, cabe a ele, “homem de ciência”, recolhê-los à Casa Verde.

O primeiro caso foi o personagem Costa. A loucura desse personagem se caracterizou pelo seu “sentimento cavalheiresco” (ASSIS, 2000, p.20) com que costumava tratar os seus devedores. Ele perdoava-lhes as dívidas, e movido pela compulsão à caridade emprestava-lhes mais dinheiro. A sua prima, ao tentar intervir, também não escapou de ser recolhida a Casa Verde, pois demonstrou sinais evidentes de extrema credice e superstição. (ASSIS, 2000, p. 20-1) Eis o contraste de valores que se encontravam presentes na vida dos habitantes do Rio de Janeiro do século XIX.

O poder econômico proporcionava poder político e prestígio social para a camada média ou para os profissionais liberais. Porém, a sua falência era ocultada pela aparência e pela boa conduta na vida pública. E para isso ela utilizava a hospitalidade e a generosidade no convívio em sociedade, virtudes

inclusive apreciadas pelos estrangeiros visitantes. (HOLANDA, 1976, p. 106) Isso significava dizer que, mesmo diante das contrariações na vida urbana, inclusive o mal êxito nos negócios e no convívio social, a vida pública exigia uma lhanza no trato, bem como uma “bondade mais política”. (HOLANDA, 1976, p.106-7) Em outros termos, a vida pública exigia uma civilidade baseada na cordialidade, virtude responsável por controlar as emoções e ao mesmo tempo também era uma forma de estabelecer fora do ambiente familiar o mesmo tipo de sociabilidade da família patriarcal. Em síntese, os indivíduos fora do ambiente familiar procuravam preservar as relações sociais de dependência na vida urbana e pública através de laços comunitários.

De fato, Costa procurou estabelecer laços comunitários, procurou preservar a sua reputação de cavalheiro, e inclusive de herdeiro rico, apesar de ao prazo de cinco anos ficar sem nada:

se a miséria viesse de chofre, o pasmo de Itaguaí seria enorme; mas veio devagar; ele foi passando da opulência à abastança, da abastança à mediania, da mediania à pobreza, da pobreza à miséria, gradualmente. Ao cabo daqueles cinco anos, pessoas que levavam o chapéu ao chão, logo que ele assomava no fim da rua, agora batiam-lhe no ombro, com intimidade, davam-lhe piparotes no nariz, diziam-lhe pulhas. E o Costa sempre lhano, risonho. Nem se lhe dava ver que os menos cortesões eram justamente os que tinham ainda a dívida em aberto; ao contrário parece que o agasalhava com o maior prazer, e mais sublime resignação. (ASSIS, 2000, p.19)

O caso da prima de Costa diz respeito ao dilema entre a devoção religiosa e a científica que cada vez mais envolvia a sociedade carioca do século XIX. Compreender as condições sociais e econômicas pela ciência e não pela religião foi a escolha feita por Bacamarte. Portanto, se Costa foi preso pela sua má administração dos seus negócios na vida urbana em nome do seu “sentimento cavalheiresco”, a sua prima ao tentar justificar para o alienista a sua condição de miséria através da superstição, obteve a sua vida em sociedade trocada também pelo isolamento e confinamento no asilo de loucos.

O pobre Mateus foi o terceiro recluso na Casa Verde por causa do seu padecimento do “amor às pedras”. O motivo estava no seu namoro com sua mobília rara e importada da Hungria e da Holanda, bem como pelo o seu

jardim, considerada uma obra-prima de arte e de gosto. Esses adornos, inerentes a sua moradia, ocupavam-lhe longas horas de contemplação, cuja intenção era ser admirado e invejado pelos demais habitantes de Itaguaí. (ASSIS, 2000, p. 21-2) E Pesavento afirma que Machado, através desse personagem, nos revela o hábito da ostentação e a mania de aparentar uma bela posição social, como um dos aspectos mais marcantes na sociedade oitocentista (PESAVENTO, 1996, p. 115), que costumava esconder sob esse verniz da civilização europeia o seu modo de vida herdada do período colonial.

A gosto pela mobília caseira importada da Europa passou a fazer parte da vida da sociedade carioca a partir de 1850 com a visita cada vez mais freqüente de negociantes ingleses no Rio de Janeiro. Mais do que um simples conforto, os móveis identificava também a posição social e cultural do seu dono.

Essa apreciação pelo consumo de móveis, sejam elas ingleses ou oriundas de outras regiões do velho continente, provocou mudanças significativas na vida privada dos habitantes do Rio de Janeiro. A reivindicação de casas ao estilo europeu partiu primeiro dos imigrantes ingleses durante a segunda fase do Império (1840 – 1889), contrastando, assim, com o lar brasileiro colonial. Vejamos a explicação do historiador Richard Graham sobre essa questão:

o lar brasileiro típico era anteriormente vazio e austero, com tetos muito altos e soalho com largas tábuas. O único lugar confortável era a rede. Tal contraste foi imediatamente notado por uma jovem recém-chegada da Inglaterra que, chocada, assim se expressou: 'as casas... certamente não são o que os ingleses chamariam de 'lar', pois não existem lareiras, muito raramente alguns tapetes e o mínimo de mobiliário!' Mas as casa importadas britânicas logo procuraram corrigir essa deficiência, e os sempre prósperos residentes das cidades brasileiras estavam prontos para comprar o que aparecesse, muitas vezes vendendo aos negociantes britânicos suas maciças mas perfeitas e ornamentadas peças de estilo colonial. Os negociantes tinham algumas vezes grande dificuldade para denominar em língua portuguesa móveis feitos na Inglaterra e por eles postos à venda, indicando assim, mais ainda, como estes itens eram estranhos à sociedade brasileira. (GRAHAM, 1973, p. 120)

Não foi por acaso que a segunda fase do Império se caracterizou pela influência cada vez mais crescente da cultura européia no nosso país, inclusive na vida privada tal como Machado nos dá a pista através do personagem Mateus. Uma vez decretada a lei Eusébio de Queirós em 1850 que, por causa da pressão inglesa, consistiu em abolir o tráfico negreiro, favoreceu, assim, a aproximação do Brasil com o mundo moderno. Com essa decisão política, Dom Pedro II passou a apoiar financeiramente as atividades desenvolvidas nos centros urbanos, entre elas, o comércio, a indústria e os bancos combinadas com a exportação de café e com as instalações posteriores de estradas de ferro feitas por engenheiros ingleses, especificamente a partir de 1854. Nesse contexto de mudanças sob a influência da cultura inglesa, a sociedade carioca do século XIX teve certos hábitos modificados, e entre eles o gosto pela mobília produzida na Inglaterra e de outras regiões da Europa, não só pela necessidade do conforto, mas pela vontade de estimular a admiração e a inveja, eis aí o sintoma da loucura para Machado de Assis.

Destino igual teve o jovem Martim Brito, por causa dos seus elogios “rasgos e magníficos” a Dona Evarista, durante um jantar em sua homenagem. (ASSIS, 2000, p. 25) Nestas condições, o sintoma de loucura de Brito estava na sua necessidade de exibir os dotes de oratória e beletrismo. Esse gesto era apreciado nos jantares sociais na década de 1880.

Diante desse terror espalhado por Simão Bacamarte, cada um dos habitantes de Itaguaí sentia-se como o próximo alvo a ser descoberto por suspeita de loucura. Gil Bernardes também foi mais um entre tantos outros presos pela seguinte razão: “vocaçã das cortesias” (ASSIS, 2000, p. 26) De fato, através desse personagem, nem a supervalorização da etiqueta por parte da elite carioca oitocentista escapou do olhar crítico de Machado.

Contudo, os habitantes de Itaguaí que assistiram com terror e passividade as investidas de Bacamarte contra os loucos, revoltaram-se com o enclausuramento de Coelho na Casa Verde. Este por sua vez, manifestava loucura por “amar a boa palestra”. (ASSIS, 2000, p. 27) Porém, o que se entende nessa alegoria, não é a crítica machadiana em relação ao hábito de conversar nas ruas. Até porque o próprio Machado costumava “trocar dois dedos de prosa com os amigos” na Rua do Ouvidor (TRIGO, 2001, p. 21).

O personagem Coelho alegoriza de maneira crítica a postura dos transeuntes da Rua Ouvidor¹³ que se aglomeram nas confeitarias, nas cervejarias, nos cafés e também nas lojas que vendem roupas da última moda parisiense e outros artigos de luxo, cuja prática recorrente nesses lugares não é só comprar, mas também a troca de informações sobre a vida alheia. Isso significava dizer que, nessa principal rua do Rio de Janeiro na década de 1880, ocorria o controle social pela aproximação da vizinhança. Em outros termos, “a rua” (do Ouvidor) “era o maior centro produtor e difusor de fofocas da cidade. (TRIGO, 2001, p. 251) E o próprio Machado a denominou de “a gazeta viva do Rio de Janeiro.” (Apud. TRIGO, 2001, p. 250)

E nem Dona Evarista escapa da epidemia de loucura por causa do seu gosto por jóias e roupas, um recente hábito adquirido após a sua viagem ao Rio de Janeiro. Nestas condições, Machado alegoriza dois Rios de Janeiro do ponto de vista dos costumes e dos valores: o da cultura colonial e o da cultura cosmopolita.

Ela também se soma aos demais no asilo de loucos. Nestas circunstâncias, a olhar irônico de Machado nos revela a mesquinha e a alienação da fechada elite carioca diante das condições culturais de sua época.

A indiferença de Dona Evarista durante a deflagração da rebelião liderada pelo barbeiro Porfírio contra o seu marido através de ameaças, agitações e protestos em frente à sua casa, alegoriza o perfil de certas mulheres da sociedade carioca do século XIX, que ficavam indiferentes as mudanças políticas no país, mas se preocupavam com questões frívoles. Para ela, é mais importante se preocupar com a costura “enviesada” do seu vestido (ASSIS, 2000, p. 29) do que prestar a atenção de imediato as ameaças dos Canjicas contra Bacamarte.

Porém, Machado não se detém somente nas críticas as experiências sociais do seu cotidiano, mas também as condições políticas do seu tempo através de Porfírio. Esse personagem, líder dos Canjicas, que lutou em favor dos demais habitantes de Itaguaí contra a tirania de Bacamarte ou contra a sua ditadura positivista, “sentiu despontar em si a ambição do governo” (ASSIS,

¹³ Segundo Luciano Trigo, essa principal rua do Rio de Janeiro ganhou esse nome porque “nela morar o juiz ouvidor Francisco Berquó da Silveira, ainda no final do século XVIII.” (TRIGO, Luciano. “Rua do Ouvidor: duas ou três coisas mais” In: O Viajante Imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo. Rio de Janeiro: Record, 2001. P. 251.

2000, p. 31). Em outras palavras, Porfírio se achava capaz de derrubar o poder e o prestígio de o alienista com o apoio do povo que o acompanhava.

Porém, ele adere as idéias do seu adversário pela necessidade de não ter respaldo científico para manter uma carreira política. Essa passagem alegoriza “a proverbial identidade entre os liberais e os conservadores no período monárquico, à voz corrente segundo a qual ‘nada mais parecido com um Saquarema do que um Luzia no poder’.” (PATTO, 1996, p. 197) E apesar de mencionar com pouca ênfase nos seus textos literários sobre questões políticas no Brasil, Machado foi por toda sua vida um crítico a “politicagem”, tal como ele apresenta sob o estigma da loucura a fácil mudança de posição de Porfírio como adversário para aliado de Bacamarte. Esse costume político foi denominado pelo autor de *O alienista* de “virar casaca”, que consiste na troca de partido.

Portanto, feito essas considerações acima, percebemos que a loucura para Machado se apresenta como uma alegoria que varia de um personagem para outro, como características culturais importadas da Europa pela sociedade carioca oitocentista.

CONCLUSÃO

Concluimos que é possível ampliarmos a discussão sobre a história do Brasil através do texto literário, revelando não só transformações políticas e econômicas, mas também a maneira como elas interferem e resignificam costumes e valores de uma sociedade.

A nossa proposta foi estudar *O alienista* não do ponto de vista do seu valor lingüístico, ou seja, como se ele esgotasse o seu valor na sua própria estética, mas também para a análise do seu sentido e da sua significação no momento de sua produção, levando em consideração a sua aplicação no contexto escolar. Essa análise partiu primeiro da pesquisa, e o segundo momento consistiu em pensar os seus resultados como uma referência de exercício de leitura na sala de aula. Porém, é válido observarmos que, quando privilegiamos o exercício do ato de ler *O alienista*, procuramos desenvolver um caminho para o ensino da história do Brasil do Segundo Reinado pela literatura. Acreditamos que esse procedimento facilita o entendimento do aluno em relação a esse período da história do Brasil, além de desenvolver nele a habilidade para construir significações e sentidos na sua leitura.

Contudo, essa defesa pelo uso de *O alienista* de Machado de Assis voltado para o ensino da História não se esgota aqui. Nessas circunstâncias, tentaremos encaminhar essa proposta para uma pesquisa mais minuciosa. Levaremos em consideração, durante a nossa posterior pesquisa sobre o estudo desse conto machadiano direcionado para a prática pedagógica, que o professor é responsável pela maneira como esse objeto e/ou recurso didático é utilizado no ensino médio, refletindo também no tipo de valor que ele têm para os seus alunos. Por isso o texto literário de Machado de Assis além de permitir o entendimento mais minucioso a respeito das sensibilidades do palco social do Rio de Janeiro oitocentista, também nos possibilitará ao mesmo tempo desenvolver a iniciativa de buscar outros caminhos possíveis para refletir e aprender sobre certos aspectos da história do Brasil.

Pensar o texto literário do ponto de vista do seu valor histórico que traz registrada em sua narrativa uma versão do verossímil de certos

acontecimentos do palco social do Rio de Janeiro oitocentista, significa que o nosso olhar privilegiará as metáforas construídas por Machado no seu conto. Faremos algumas questões para atingirmos o nosso propósito. Por que e de que maneira Machado reconstrói o palco social do Rio de Janeiro oitocentista através de *O alienista*? Por que e como Machado ironiza a sociedade do seu tempo através da loucura peculiar de cada um de seus personagens?

Questionaremos, enfim, se o conto *O alienista* produzido em torno do palco social do Rio de Janeiro oitocentista confirmará a ironia de Machado em relação ao crescimento da cultura cosmopolita, se utilizando para isso de dois temas: a ciência e a loucura. É válido observarmos que, para se penetrar no campo da literatura através da história, seremos obrigados a desenvolvermos questões trazidas pelo seu próprio contexto em que ele foi desenvolvido. Segundo a historiadora Sandra Jatahy Pesavento, tanto a literatura como outras fontes devem ser tomadas pelo pesquisador com objetos que contém pistas para a solução de um enigma proposto. (PESAVENTO, 2003, p. 98) Portanto, os efeitos de sentido construído sobre certas experiências da história da sociedade carioca oitocentista pelo conto machadiano dependerão dos objetivos colocados para se acessar o passado.

Partiremos da hipótese de que outras interpretações sobre esse texto literário são possíveis. Machado denuncia os vários tipos de loucura responsáveis por balizar o cotidiano da sociedade carioca oitocentista, na busca frenética pela necessidade de construir um Rio de Janeiro do progresso e da civilização em paralelo a certas características do seu passado colonial. Nestas condições, uma vez fazendo parte desse contexto, cada habitante de Itaguaí representa aspectos peculiares da loucura ou da crítica machadiana em relação à cultura cosmopolita da sociedade carioca. Machado utiliza-se para isso dos personagens de Itaguaí para refletir sobre alguns acontecimentos e transformações culturais inerentes ao seu cotidiano.

Assim, a mensagem machadiana aponta-nos para um Rio de Janeiro que começa a se distanciar da sua herança caracterizada por hábitos e costumes coloniais, apoiados na ordem escravista, para tornar-se um “laboratório de experimentação” social, econômico, e político, por influência do seu crescimento cultural cosmopolita, seja na vida privada ou na vida pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. Sobre leitura e burrice. In: **Entre a Ciência e a Sapiência: o dilema da educação**. 4^o Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- AMORIM, José Edílson de. Leitura, análise e interpretação. In: PINHEIRO, Hélder (organizador). **Pesquisa em Literatura**. 1^a Edição. Campina Grande – PB: Bagagem, 2003.
- AMORIM, Marília. O Texto de Pesquisa como Objeto Cultural e Polifônico. In: **Revista MEI – Média et information, Université de Paris – 8, n°5, 1996**. Disponível em: www.cfch.ufrj.br/jor_pesq/Epistem/amorim.html. Acesso em outubro de 2003.
- ASSIS, Machado de. **O alienista**. 33^a Edição. São Paulo: Ática, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. Introdução: apresentação do problema. In: **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. 4^a Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (organizadores). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. 2^a Edição. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2003.
- BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1997.
- COTRIM, Gilberto. Apresentação. In: **História & Consciência do Mundo: da Idade moderna ao mundo atual**. 1^a Edição. São Paulo: editora Saraiva, 1992. Vol. 02.
- FEBVRE, Lucien. Caminhando para uma outra história. In: **Combates Pela História**. 2^a Edição. Rio de Janeiro: Editorial Presença, 1985.
- FARACO, Carlos. Machado de Assis: um mundo que se mostra por dentro e se esconde por fora. In: ASSIS, Machado de. **O alienista**. 33^a Edição. São Paulo: Ática, 2000.
- GRAHAM, Richard. Os hábitos urbanos de vida. In: **Grã-Bretanha e o Início da Modernização no Brasil (1850 – 1914)**. São Paulo: editora Brasiliense, 1973.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. O homem cordial. In: **Raízes do Brasil**. 10ª Edição. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.
- MOTA, Myriam Becho & BRAICK, Patrícia Ramos. Ordem sem Progresso, capítulo 43. In: **História das Cavernas ao Terceiro Milênio**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Moderna, 2002.
- MURICY, Kátia. As Desventuras da Razão. In: **A Razão Cética: Machado de Assis e as questões do seu tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- PATTO, Maria Helena de Souza. **Teoremas e Cataplasmas no Brasil monárquico: o caso da medicina social**. São Paulo: Novos Estudos, 1996. N° 44.
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Com os olhos no Clio ou a literatura sob o olhar de história a partir do conto *O alienista* de Machado de Assis. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Contexto, 1996. Vol. 16.
- _____. Clio e a grande virada da História. In: **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- _____. O Efeito do Espelho: da cidade maravilhosa ao país das maravilhas. In: **O Imaginário da Cidade (Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre)**. Porto Alegre – RS: Editora Universidade, 1999.
- RONCARI, Luiz. Ficção e história: o espelho transparente de Machado de Assis. In: NODARI, Eunice; PEDRO, Joana Maria & IOKOI, Zilda M. Gricoli (organizadoras). **História: fronteiras – XX Simpósio Nacional da ANPUH (realizado em Florianópolis: julho de 1999)**. São Paulo: Humanitas / FFLCH/USP: ANPUH, 1999.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Entre “homens de ciência”. In: **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930)**. 4ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARZ, Roberto. **A Lata de Lixo da História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- SOUSA, Solange Jobim e. Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin: polifonia, alegoria e o conceito de verdade no discurso da ciência contemporânea. In: BRAIT, Beth (organizadora). **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. Campinas: Editora Unicamp, 1997.
- TRIGO, Luciano. O Viajante Imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro do seu tempo. Rio de Janeiro: Record, 2001.